

UM PATRIMÓNIO LINGUÍSTICO EM VIAS DE EXTINÇÃO OU
A SABEDORIA LINGUÍSTICA DOS IDOSOS ANALFABETOS:
O ARADO, O CARRO DE BOIS E O LINHO ¹

Helena Rebelo

Universidade da Madeira

Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

RESUMO: Actualmente, em Portugal, a escolaridade obrigatória é de 12 anos, mas nem sempre foi assim. As mudanças políticas fizeram com que a população tivesse níveis de escolaridade diferentes. Muitos idosos com mais de 70 anos não tiveram acesso a qualquer educação escolar. São analfabetos que, embora não sendo escolarizados, têm uma sabedoria linguística impar. Os seus conhecimentos técnicos constituem um vasto património linguístico que se extinguirá progressivamente, se não for conservado. Pretende-se fazer uma demonstração que comprove isso mesmo, através de um levantamento lexical (relacionado com o arado, o carro de bois e o linho) testado com estudantes universitários.

PALAVRAS-CHAVE: património linguístico, arado, carro de bois, linho, idosos analfabetos, estudantes universitários.

ABSTRACT: Currently, Portugal, compulsory education is 12 years, but it was not always so. The political changes have meant that the population had different levels of education. Many elderly people over 70 years have not had access to any education. Who are illiterate, although not educated, have an odd linguistic wisdom. Their expertise is a vast linguistic heritage that gradually extinguished, if not conserved. It is intended to demonstrate that proves just that, through a survey lexical (plowshare, bullock cart and linen) tested with university students.

KEYWORDS: linguistic heritage, plowshare, bullock cart, linen, illiterate elderly, college students.

¹ A base deste artigo foi uma exposição apresentada na secção “O Envelhecimento e a Educação”, no colóquio “Olhares sobre o Envelhecimento, realizado na Universidade da Madeira (Portugal), a 11 e 12 de Outubro de 2012.

1. Património linguístico e agricultura.

Em 1972, a UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, definiu o “património cultural” com três componentes: “monumentos”, “conjuntos” (“grupos de construções”) e “locais de interesse”. Em 2003, especificou essa noção com o conceito de “material”, por um lado, e de “imaterial”, por outro. No ponto 2 do artigo 2º desta convenção, surgiram indicados os domínios em que se manifesta a definição do conceito “património cultural imaterial” e, nesse ponto, há uma referência explícita à língua, mas entendida como “vector do património cultural imaterial” de “tradições e expressões orais”. Não ocorre nenhuma referência directa à linguagem. Porém, crê-se que, do Património Imaterial da Humanidade, por constituir uma das principais realidades da actividade humana, fará parte o património linguístico por si só (e não apenas entendido como “vector”). Poderemos, então, falar em Património Linguístico como o conjunto de “bens linguísticos”, incluindo, sobretudo, o léxico, mas não só, herdados e transmitidos de geração em geração, numa determinada comunidade de falantes. Fará lembrar a ideia saussuriana de “langue”, pelo seu carácter social, e a metáfora do “tesouro”. Se é incontestável que este tesouro vai sendo enriquecido, também o é o facto de ir sendo dilapidado. Será como se se preservassem umas “peças” de que os falantes não se quisessem desfazer, mas se gastassem outras em função da sua sobrevivência ou se perdessem umas quantas pela acção deterioradora do tempo, visto não serem usadas por deixarem de ter utilidade.

Esta deteriorização ocorre, por exemplo, nos países ocidentais, essencialmente os mediterrânicos, com influências românicas e árabes bastante fortes, como Portugal. Com o passar dos séculos, vai desaparecendo um vasto vocabulário em todas as línguas vivas que se vão como que regenerando. Perdem-se tradições, usos e costumes, mas também um número considerável de vocábulos. Frequentemente, este é específico e remete para uma determinada área da actividade humana. É o caso das técnicas, dos métodos e dos utensílios agrícolas de que as gerações mais novas não se sentem herdeiras, mas que os mais idosos ainda preservam, tanto em vestígios de instrumentos que guardaram, como na memória, relembrando os usos que deles faziam no seu quotidiano, hoje alterado. A linguagem técnica do âmbito da agricultura de subsistência, de uma riqueza lexical incomensurável, tem-se perdido paulatinamente, mesmo se muitos desses termos entraram na linguagem comum, como acontece com “o arado”, “o jugo”, “o fuso” ou “a meada”. Trata-se de uma perda dupla: a das técnicas em si e a dos nomes que designavam os objectos e os instrumentos.

Por vezes, aquelas ficam preservadas em registos fotográficos ou videográficos, enquanto estes vão desaparecendo, caindo em desuso, conservando-os apenas as gerações mais velhas. Muitos idosos sem qualquer escolaridade, isto é, formação estruturada, são considerados analfabetos, mas, por dominarem toda uma terminologia em vias de extinção, são uns sábios guardiões a estimar e a valorizar. A sua sabedoria lexical é extensa e técnica, reportando-se a áreas específicas do saber, como a agricultura. Os seus conhecimentos relativamente a determinado assunto concreto do âmbito agrícola foram aprendidos e transmitidos de geração em geração oralmente. Essas pessoas são, assim, garantes de um património cultural imaterial e de um património linguístico inestimável, mesmo não tendo educação, entendida como escolarização.

Num rápido olhar do presente para o passado, é evidente que a sociedade ocidental, incluindo a ligada à agricultura, mudou muito. Hoje, fala-se, por exemplo, em agricultura biológica. Há múltiplos conhecimentos científicos que aperfeiçoaram as tecnologias do passado para rentabilizar o esforço humano ou animal. Vários saberes antigos, como acontece, por exemplo, com os ligados ao **arado**, ao **carro de bois** e ao **linho**, foram sendo esquecidos e substituídos. O progresso trouxe facilidade à vida dos camponeses e aos criadores de gado. Os actuais agricultores – maioritariamente engenheiros agrícolas – tiveram uma formação que os antepassados não conheceram. Um grande número deles é especializado e seguiu cursos superiores, enquanto as gerações anteriores eram predominantemente analfabetas. Assim, a linguagem dos agricultores terá, ela também, passado por diversas alterações. O caso português é paradigmático.

Em Portugal, as novas gerações de agricultores são completamente distintas das anteriores, tanto a nível da formação como das técnicas ou da linguagem. Os idosos aprenderam o seu saber fazer e o “saber dizer” com os próprios pais porque as tradições eram transmitidas, oralmente, de pais para filhos como um real património e, desde o século XX, os jovens aprendem nas escolas. Quase tudo mudou. Por exemplo, os agricultores já não cultivam linho, sobretudo por causa do seu complexo e laborioso processo, mas também porque é um produto que, aparentemente, perdeu qualquer interesse para a comunidade. Quanto aos utensílios e aos meios de transporte, em vez da charrua, do arado, do carro de bois, os jovens agricultores portugueses têm tractores, aos quais associam uma verdadeira panóplia de utensílios muito sofisticados. Além disso, a agricultura foi, durante muito tempo, marginalizada e esquecida face a uma tendência maciça de fuga para os grandes centros urbanos. Os campos foram abandonados, ao longo de décadas. Todavia, a situação, devido à crise económica mundial, modificou-se e as novas gerações estão a regressar à terra para a cultivar, mas os

recursos disponíveis são bem diferentes dos do passado e bem menos cansativos. Esta feliz evolução tecnológica viu esquecer, e em cada dia desaparecer, um rico vocabulário que pertence ao património linguístico da comunidade de falantes. As novas gerações, essencialmente as que seguiram estudos universitários, seja qual for a área de estudos, já não conhecem muitos termos que deveriam fazer parte da memória colectiva. É o que se procura demonstrar neste estudo.

2. Recolha lexical: idosos e dicionários.

Procedeu-se à recolha de informação relacionada com actividades agrícolas – o arado, o carro de bois e o linho – junto de dois idosos analfabetos, um casal oriundo da Beira Alta (um homem de 83 anos e uma mulher de 79 anos). Estes dois informantes acederam a ser gravados numa entrevista minimamente estruturada e conduzida, assumindo-se, por vezes, como conversa livre e espontânea, em jeito de explicação. Uma primeira parte da gravação foi individual, com cada um deles separadamente, e uma segunda tinha os dois presentes. Pela distribuição tradicional e social das tarefas entre os sexos, o homem foi questionado sobre o arado (a sua constituição e funcionalidade) e o carro de bois (peças constitutivas). A mulher abordou todo o processo do linho. Na presença de ambos, verificou-se que os dois conheciam a terminologia específica daqueles três tópicos agrícolas, deixando de ter efeito a diferenciação entre “o trabalho do homem” (arado e carro de bois) e “o trabalho da mulher” (linho) para o domínio do vocabulário.

Porque na sua juventude a escolaridade não era obrigatória, em termos de educação (frequentemente sinónima de “escolarização”, como em “Ministério da Educação”), é possível dizer que estes dois idosos não tiveram acesso a qualquer “educação”. São idosos analfabetos socialmente despromovidos por serem considerados, ainda hoje, “ignorantes”, visto não saberem nem ler, nem escrever. Muitas vezes, estas pessoas desprestigiam-se a elas próprias, considerando que “não sabem nada” pelo mesmo motivo, ou seja, não tiveram instrução formal. Os últimos censos populacionais revelam que os analfabetos ainda subsistem na sociedade portuguesa, mesmo se diminuíram, e, na sociedade contemporânea, ainda há discrepâncias sociais, embora tenham vindo a atenuar-se a partir de finais do século XX. As políticas educativas portuguesas mudaram e a escolaridade tornou-se obrigatória, passando de 4 anos a 6 anos, destes a 9 anos, e finalmente a 12 anos, havendo no ar uma possibilidade de retrocesso devido à recessão económica que se está a viver. De momento, por causa desta evolução,

a população tem níveis educativos diferentes e extremos, coabitando, por exemplo, analfabetos e universitários, no mesmo seio familiar. É o que sucede com aqueles dois informantes. Com mais de 80 anos, o homem está reformado, tendo sido agricultor e exercido, ocasionalmente, outras profissões. Sabe os números e contar, além de conseguir assinar o nome. É possível dizer, porém, que não lê, nem escreve, embora faça tentativas e vá reconhecendo letras. Frequentou a escola durante algum tempo, mas não concluiu nenhum ano de escolaridade, inserindo-se, perfeitamente, no perfil de “analfabeto”. Quase a chegar aos 80 anos, a mulher está, igualmente, reformada, tendo também ela sido agricultora e tido, pontualmente, outras profissões. Sabe os números e contar muito bem, embora não assine o nome, nem leia ou escreva. Frequentou a escola durante alguns dias. Pertence, por isso, também ao grupo dos analfabetos.

A partir destas entrevistas, fez-se um levantamento lexical. A recolha gravada em suporte áudio e em formato WAV continha uma riqueza lexical bem maior do que a simples listagem que se elaborou. O número limitado de termos foi definido em função da organização do inquérito que se pretendia aplicar a estudantes universitários. A listagem constituiu-se, portanto, com 30 vocábulos, isto é, o seguinte *corpus*, que se apresenta por ordem alfabética: “arado”, “argadilho”, “baganha”, “barela”, “cabeçalha”, “canga”, “chavelha”, “cheda”, “chedeiro”, “costal”, “dobar”, “estadulho”, “estopa”, “estopada”, (uma) “estriga” (Foi necessário o artigo para identificar o substantivo, distinguindo-o, assim, de uma forma verbal.), “estrigar”, “fazer novelos” (É a única expressão da lista e o verbo servia para especificar o sentido de “novelo”.), “fuso”, “jugo”, “maçaroca”, “meada”, “rabela”, “rabiça”, “relha”, “roca”, “sarilho”, “sebe”, “soga”, “tamoeiro” e “travessas”.

No sentido de atestar a sua existência enquanto património linguístico português, verificou-se se este conjunto lexical estava dicionarizado. Comprovou-se a sua pertença à comunidade de falantes de Língua Portuguesa, tendo-se registado no dicionário de José Pedro Machado (1991) e/ou no Houaiss (2001). Poderia ter-se alargado a consulta a outros dicionários e a outras obras, mas essa tarefa não correspondia à intenção aqui pretendida. Estas duas referências revelaram-se suficientes para provar a existência dos termos proferidos pelos idosos analfabetos, com a mesma significação, embora, ocasionalmente, com variantes fonéticas. A partir daí, concebeu-se o inquérito que seria aplicado a estudantes universitários de 1º ciclo de estudos, ou seja, de licenciatura. O objectivo almejado era observar a solidez da tese que se apresenta para este trabalho, ou seja, os idosos analfabetos dominam muito vocabulário desconhecido de estudantes universitários, não podendo ser tidos como “ignorantes” apenas

por não terem uma instrução formal. Conservam um património linguístico em vias de extinção, mesmo se dicionarizado, de que os mais novos e mais instruídos não parecem querer saber e que se vai perdendo com o tempo, se não for preservado e vivificado. É indispensável evitar a extinção progressiva e motivar a transmissão desta riqueza às presentes gerações para a preservação do património linguístico, embora as actividades ou as técnicas usadas outrora já não façam hoje sentido, mas “preservar” o património linguístico da comunidade não significa que se defenda a insistência nos meios antiquados de existência e a sua utilização perene.

3. Aplicação de um inquérito.

Decidiu-se elaborar um inquérito com o *corpus* previamente obtido e aplicá-lo a estudantes universitários, fazendo, assim, a oposição entre os idosos analfabetos, sem qualquer instrução formal, e os universitários, no último nível de estudos de toda a escolaridade regular e convencional. Quanto ao conhecimento, encontram-se em pólos completamente opostos, sendo dois extremos. Nesta oposição, pressupõe-se, no geral, que o domínio lexical é maior num universitário, com um saber teórico alargado, mesmo a nível lexical, do que num analfabeto, com um conhecimento lexical restrito. Porém, nem sempre assim sucede. Este era o fundamento da tese apresentada.

Responderam ao inquérito 123 universitários de vários anos e de diversos cursos, de ambos os sexos. Eram portugueses de diversas proveniências. Contudo, a maioria, por diversas razões práticas, foi da Região Autónoma da Madeira. Porém, o factor da origem geográfica tanto dos idosos gravados, como dos universitários considerou-se irrelevante, já que os termos questionados não são específicos de uma determinada região, mas, no geral, pertença da cultura nacional (e não só). Portanto, o teste de que se dá conta considera o domínio lexical com base na escolaridade, em vez de qualquer outro critério, e a diversidade de respostas surpreendeu, mesmo se se antevia parcialmente.

3.1 Resultados obtidos.

Na TABELA 1, dá-se conta do número total de respostas afirmativas (cf. respostas dos gráficos identificadas como “Sim, conhece” e “Sim, outra definição”) revelado pelos universitários questionados. Para o tratamento dos resultados em percentagens e a sua visualização em gráficos (do GRÁFICO 1 ao GRÁFICO 24), reagruparam-se as respostas obtidas em três grupos: “Não

conhece o termo.” (Não conhece.) / “Diz conhecer o termo, mas não apresenta a acepção pretendida” (Sim, outra definição.) / “Sim, conhece o termo na acepção pretendida” (Sim, conhece.).

Do conjunto dos 30 termos, apenas 6 não obtiveram qualquer resposta: “cheda”, “chedeiro”, “estadulho”, “rabela”, “relha” e “soga”. Em contrapartida, realçam-se os que obtiveram mais de 26 respostas afirmativas relativamente ao conhecimento. São apenas 4 termos: “arado”, “chavelha”, “fazer novelos” e “a maçaroca”. Se se adicionarem a estes os que conseguiram acima de 20 respostas positivas, devem, ainda, considerar-se neste subconjunto “fuso” e “sarilho”, tendo obtido entre 21 a 25 respostas. Para o vocabulário abaixo das 21 respostas, encontram-se (de 1 a 5) como termos menos conhecidos: “argadilho”, “barrela”, “cabeçalha”, “costal”, “estopa”, “estopada”, “estriga”, “estrigar” e “jugo”. Entre as 6 e as 10 respostas, ocorreram: “baganha”, “canga” e “tamoeiro”. De 11 a 15 respostas, registaram-se: “dobar”, “meada”, “rabiça”, “roca” e “sebe”. O termo “travessas” obteve 16 respostas.

Embora os estudantes tivessem sido avisados, oralmente, antes de começarem a responder ao inquérito, e por escrito, por figurar como observação no próprio formulário do inquérito, que os termos sobre os quais eram questionados se reportavam à área da agricultura, um considerável número das respostas refere-se a outras actividades, como se comprova pelas definições que facultaram e se transcrevem abaixo para cada termo. Reagiram aos vocábulos em si, ultrapassando o âmbito da agricultura, concentrando-se exclusivamente no lexema e se o conheciam ou não, fosse qual fosse a acepção que tivesse para eles.

A aplicação do inquérito pressupôs que os estudantes conhecessem as realidades questionadas. É necessário lembrar que Portugal, e a Região Autónoma da Madeira em particular, ainda têm fortes características rurais bem genuínas. Aliás, muitos universitários são oriundos da província com profundas raízes agrícolas. Por exemplo, as cidades do arquipélago madeirense têm-nas vincadas na sua paisagem. O próprio Funchal, até há bem pouco tempo a única cidade, as possui. Ultimamente, a edilidade decidiu aproveitar terrenos para construir o que designa “hortas urbanas”. Em plena cidade, são atribuídas parcelas de terreno (para funcionarem como hortas, essencialmente com o cultivo de legumes) aos funchalenses que aderiram em grande número à iniciativa municipal. Há uma lista de espera elevada a aguardar a constituição de novas hortas. Além disso, os mercados com produtos da agricultura biológica vão surgindo em diversas localidades do arquipélago.

TABELA 1- Respostas afirmativas

	Termos	Respostas afirmativas O inquirido diz conhecer o termo.
1	arado	53
2	argadilho	2
3	baganha	6
4	barrela	2
5	cabeçalha	5
6	canga	7
7	chavelha	38
8	cheda	0
9	chedeiro	0
10	costal	1
11	dobar	11
12	estadulho	0
13	estopa	2
14	estopada	1
15	(uma) estriga	1
16	estrigar	3
17	fazer novelos	35
18	fuso	21
19	jugo	4
20	maçaroca	81
21	meada	14
22	rabela	0
23	rabiça	10
24	relha	0
25	roca	13
26	sarilho	22
27	sebe	14
28	soga	0
29	tanoeiro	6
30	travessas	16

É indispensável lembrar que os museus, incluindo os regionais, nomeadamente os etnográficos, preservam grande parte das técnicas agrícolas. Um pouco por todas as Casas do Povo, fazem-se mostras e exposições. Existem muitos grupos etnográficos, incluindo os de folclore, que tentam manter vivos os usos e costumes, assim como algum vocabulário. Portanto, os universitários, à partida, são conhecedores do ambiente rural porque rodeados por ele. Se, porém, não o são na prática, sê-lo-ão na teoria por estarem habituados a ler sobre o assunto.

3.2 Listagem.

Na listagem abaixo apresentada, explanam-se as respostas obtidas, com o conhecimento que os inquiridos revelaram ter. Separam-se com barra oblíqua. Transcrevem-se tal e qual como surgiram nos inquéritos (coocorre, por exemplo, a ortografia pré e pós *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990). Apresentam-se na sua quase totalidade, mesmo as que parecem repetir-se porque vão revelando pequenas diferenças. Por vezes, aconteceu indicarem conhecer os termos, mas não os definiram, nem os explicitaram ou exemplificaram. Este tipo de resposta vai assinalado com o símbolo *X* maiúsculo, significando que o inquirido conhece o termo, mas não o definiu. Entre parênteses, coloca-se o número de vezes (com *x* maiúsculo) que se obteve aquela resposta precisa em diferentes inquéritos. Começa-se por dar conta das aceções dicionarizadas e do conhecimento dos idosos. Depois, listam-se as respostas dos inquiridos para observar as diferenças. No sentido de facilitar a apresentação, sistematizam-se os dados através de listagem, reagrupando-se os termos que obtiveram respostas por três subconjuntos: ARADO, CARRO DE BOIS e LINHO.

3.2.1 O arado.

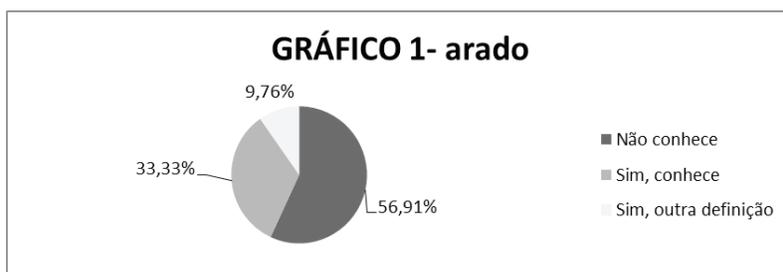
O arado é um instrumento bem antigo e muito utilizado na agricultura de subsistência. É constituído por diversas peças cujos nomes não são muito conhecidos. Decidiu-se incluir no questionário o próprio termo, a par dos nomes das diversas partes que o compõem. Kate Brüdt (1938, pp. 324-327) refere o arado como sendo um instrumento conhecido há muito no arquipélago madeirense.

“arado”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: trata-se de instrumento agrícola que serve para lavrar a terra; aradoiro/ nome dado à charrua em algumas regiões/ “charrua”: aparato de tração animal ou mecânica cuja peça essencial (relha) tem a função de rasgar o solo com o fim de revolver e afogar a leiva.

RESPOSTAS: Instrumento de agricultura (2x)/ Instrumento acoplado a animais para arar a terra/ Instrumento utilizado na agricultura tradicional (2x)/ Usado na agricultura/ puxado por bois/ Serve para cavar a terra para a tornar pronta para a cultivar/ Utensílio de cavar a terra, utilizando animais (bois)/ Objeto para revolver a terra/ É um instrumento de agricultura, usado para lavrar as terras/ Instrumento para a lavoura/ Alfaia agrícola/ É uma estrutura em que um boi arrasta uma ferramenta que ara a terra/ Agricultura: algo que prende as carroças aos bois/ É uma espécie de borracha que se usa para prender os animais

aos carros/ Ferramenta utilizada para trabalhar a terra/ Quando o terreno está limpo, cavado ou cultivado/ instrumento de arar a terra/ Objecto utilizado para revolver a terra, antes das novas plantações/ ex.: Prendeu-se um arado ao boi para levantar a terra/ Usado para cavar a terra/ Instrumento de/para lavrar o campo (2x)/ Característica do terreno agrícola/ ex.: Os terrenos agrícolas portugueses são arados./ Instrumento de lavrar a terra/ Instrumento manual que serve para arar os terrenos/ Quando se prepara a terra para ser semeada./ Sítio que serve para cultivar/ Terreno cultivado; ex.: A terra está arada./ É considerado uma pradaria ou prado./ Campo sem cultivo/ Instrumento que serve para lavrar os campos (2x)/ Característica do terreno agrícola/ É um utensílio agrícola, utilizado para trabalhar a terra./ Cultivado/ Para lavrar a terra/ Instrumento agrícola/ Instrumento que o gado utiliza (sic) para trabalhar a terra/ Instrumento para lavrar a terra, preso ao carro de bois (sic)/ Lavra a terra/ Tratar do solo de forma que ele fique apto ao plantio de novas culturas de alimentos/ Objecto puxado por força animal com o fim de lavrar o espaço agrícola/ Instrumento com variadas peças pontiagudas que servem para lavrar um terreno; ancinho serve para arar/ Para utilizar quando se cultiva a terra/ Grade usada para revolver a terra de cultivo/ Equipamento utilizado no campo agrícola que auxilia a lavrar a terra/ Instrumento utilizado para lavrar a terra/ Máquina de lavrar a terra puxada por bois/ Serve para puxar animais/ Instrumento usado para cavar a terra; é arrastado pelos bois./ Engenho agrícola composto por pegas afiadas que aram o solo/ Tratar a terra a fim de misturar o solo com oxigénio (sic)/ Dispositivo agrícola utilizado para cavar a terra, movido pela força animal.



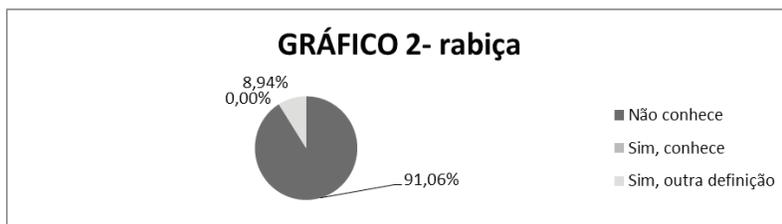
Inesperadamente, a maioria dos inquiridos (56,91%) revela desconhecer o termo “arado” como se observa no GRÁFICO 1 e 9,76% indicam conhecer o termo, mas não apresentam a aceção que se previa. Ocorreu considerarem o adjectivo, em vez do substantivo, como se pode ver em “terreno cultivado”. Estes resultados são surpreendentes porque este vocábulo acaba por ser um

termo genérico, usado pela população na linguagem comum e um elemento da cultura geral mesmo para nunca viu nenhum.

“rabiça”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Rabo do arado; a parte que o lavrador empunha, quando trabalha com ele/ cada um dos dois braços de um arado, que o lavrador empunha para trabalhar a terra; rabelo.

RESPOSTAS: Nabó/ Raízes da batata doce/ Vomitar (2x)/ Legume – nabó/ Batata doce estreita/ Um bebé que rabiça, que faz de tudo, que faz barulho para chamar a atenção de alguém/ Vomitar; ex.: Ela, sempre que bebe, rabiça./ Um legume (2x)/ Batata pequenina.



O termo “rabiça” é desconhecido da generalidade dos inquiridos, ou seja, de 91,06%. Aliás, é possível dizer que, com a aceção pretendida, a totalidade dos inquiridos o desconhece, já que quem indicou que o conhecia refere significações (8,94%) que em nada se relacionam com uma parte do arado. Parece que a alfaia agrícola, no seu todo, é desconhecida dos inquiridos, já que os outros termos a ela associados neste *corpus* (“rabela” e “relha”) não obtiveram qualquer resposta. Estranha-se que os conhecimentos de cultura geral dos universitários não os tenham auxiliado neste caso.

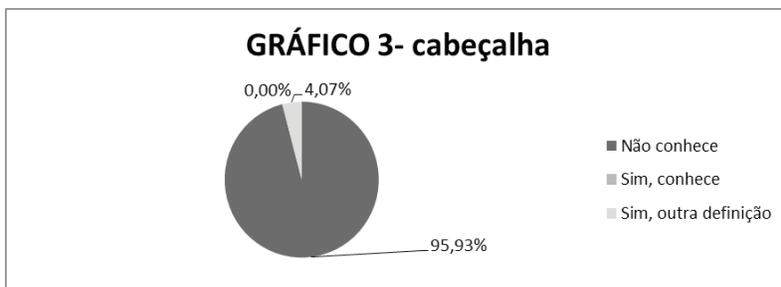
3.2.2 O carro de bois.

Em muitas localidades portuguesas, principalmente nos meios rurais, ainda hoje se vêem carros de bois, assim como carros (carroças) puxados por burros ou cavalos. No Porto Santo, muitos turistas passeiam por toda a ilha em modelos adaptados. O carro de bois foi uma realidade no Funchal até meados do século XX. Destinado à lavoura, pelo relevo da ilha da Madeira, não era muito usado, sendo-o bem mais na ilha do Porto Santo. Porém, era habitual na cidade do Funchal transportar pessoas ou mercadorias em carros de bois, como o explica Kate Brüdt (1938, pp. 313-322) que, inclusive, desenha os diversos tipos, dando conta dos nomes das suas partes constitutivas.

“cabeçalha” ou “cabeçalho”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: (de cabeça) parte central do chedeiro do carro de bois, prolongada para diante e para fora/ peça dianteira dos carros de tração animal e das carroças, à qual se prendem pela cabeça ou pescoço os animais e pela qual o movimento destes é transmitido ao veículo.

RESPOSTAS: Início de um rego/ Rego/ Parte de cima de alguma coisa/ Pessoa com uma grande cabeça/ Significa algo que fica no topo de algo, em cima de alguma coisa.



A quase totalidade dos inquiridos manifesta desconhecer o termo “cabeçalha”² (95,93%) e apenas uma minoria indica conhecê-lo, mas não na acepção pretendida (4,07%). Portanto, no fundo, todos os inquiridos desconhecem este termo, quando associado ao carro de bois identificado pelos idosos. Tanto o homem, como a mulher estavam familiarizados com este vocábulo.

Por não haver uma substancial distinção entre “canga” e “jugo”, decidiu-se apresentar concomitantemente os dados de ambos os termos. São vocábulos de uso comum na língua por se empregarem, com relativa frequência, no sentido figurado como sinónimos de “prisão”, “opressão” ou “grilhão”.

“canga”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: serve para atrelar os bois para a lavoura/ peça de madeira usada para prender a junta de bois a carro ou arado.

RESPOSTAS: Objecto utilizado nos bois para puxar o arado/ Calão de “mentira”, ex. O que acabaste de dizer é uma canga/ Nome que se dá à carga transportada pelas pessoas; ex. transporte de batatas às costas/ Homem que trabalha no cemitério/ Objecto de pôr no pescoço dos bois/ Objeto que se usa

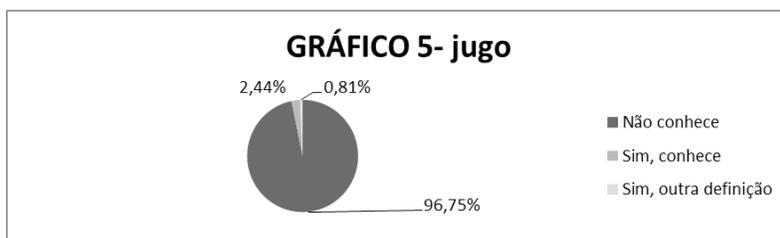
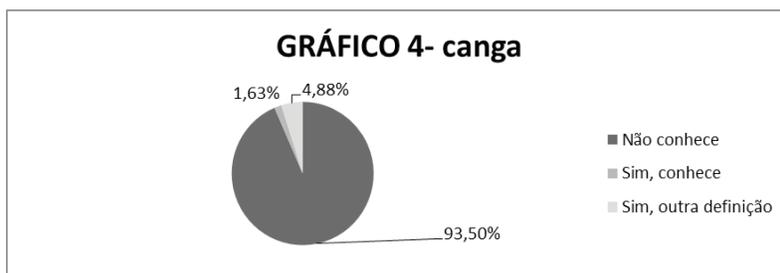
² A opção pelo feminino, já que o masculino (cabeçalho) é igualmente uma possibilidade, deveu-se ao facto de ter sido a forma usada pelos idosos.

para montar os animais/ Instrumento que serve para matar animais/ Conjunto de indivíduos.

“jugo”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: canga com que se junguem os bois para puxarem carro ou arado/ peça de madeira assentada sobre a cabeça dos bois para os atrelar a uma carroça ou arado/ canga.

RESPOSTAS: Instrumento para os bois conseguirem transportar a carga/ Instrumento utilizado nos bois para puxar as carroças/ Fazer uso da força do pescoço (jugo) dos animais/ Sumo [Confusão com “suco”?].

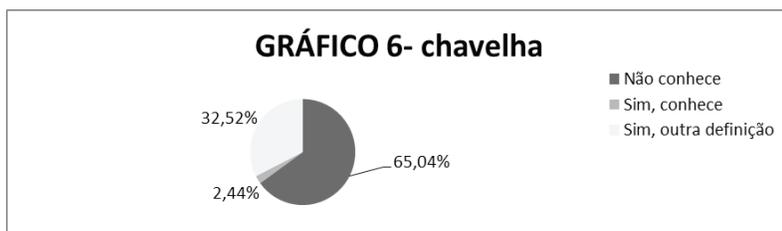


Mesmo se um pequeno número ainda os conhece na acepção pretendida, quer “jugo”, quer “canga” não fazem parte do vocabulário da quase totalidade dos inquiridos. Todavia, são termos da linguagem comum, em sentido figurado, que reaparecem na literatura em geral e, por exemplo, na linguagem bíblica (ex: “O meu jugo é leve.”).

“chavelha”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: espiga de pau que se enfia nas extremidades dos cabeçalhos dos carros, junto da canga / nos carros de boi, cunha que se introduz no cabeçalho para os prender à canga.

RESPOSTAS: Barco de pesca (2x)/ Pessoa com pronúncia acentuada/ É considerado aquele ou aquela que, de certo modo, não tem muito estatuto enquanto pessoa/ Indivíduo proveniente de Câmara de Lobos, ex. Aquele rapaz fala como um chavelha./ São as pessoas de Câmara de Lobos, ex. Aquele rapaz é chavelha./ Pessoa natural do concelho de Câmara de Lobos (4x)/ Calão das pessoas que vivem em Câmara de Lobos, ex. Aquela miúda é chavelha/ Natural de Câmara de Lobos/ Pessoa que vive no Estreito de Câmara de Lobos/ Homem ou mulher que vive ou é natural de Câmara de Lobos/ Espiga de pau/ NÃO (só conhece para as pessoas do concelho de Câmara de Lobos)/ A palavra surge, normalmente, associada aos típicos barcos de Câmara de Lobos; ex.: Entraram na chavelha e lançaram-se ao mar./ É uma pessoa que vive no meio rural. Cá na Madeira, usam o termo para uma pessoa do campo./ Podemos dizer que é uma pessoa do campo, que tem um sotaque acentuado e se veste de uma maneira antiga; trabalha no campo e pode ser homem ou mulher/ Uma pessoa (predominantemente do sexo masculino) que vive no campo ou que tem um sotaque forte; ex.: Aquele é mesmo um chavelha./ Pessoa com pouca escolaridade ou dinheiro que vive no Estreito de Câmara de Lobos; ex.: Tem cuidado que aquele é chavelha./ Peça comprida do carro ou do arado que se atrela aos animais que puxam/ Um tipo de barco/ Pessoa que vive em Câmara de Lobos/ Indivíduo que reside em Câmara de Lobos/ Pessoa que anda descalça/ Pessoas que andavam descalças/ Peça comprida pertencente ao carro ou arado, onde se atrelam os animais que puxam o carro ou o arado (2x)/ Barco piscatório/ Indivíduo que vive em Câmara de Lobos (zona piscatória), com uma característica única, um vocabulário típico de uma zona piscatória/ Indivíduo de Câmara de Lobos/ Pessoa residente em Câmara de Lobos/ Típico madeirense/ Pessoa natural de Câmara de Lobos (2x)/ Indivíduo da zona de Câmara de Lobos ligado ao mar/ Indivíduo natural do concelho de Câmara de Lobos e ligado à actividade do mar/ Barco pequeno tipicamente de Câmara de Lobos utilizado para actividade piscatória/ População que vive em (sic) e trabalha no mar/ Barco pequeno ou natural de Câmara de Lobos/ X (2x).

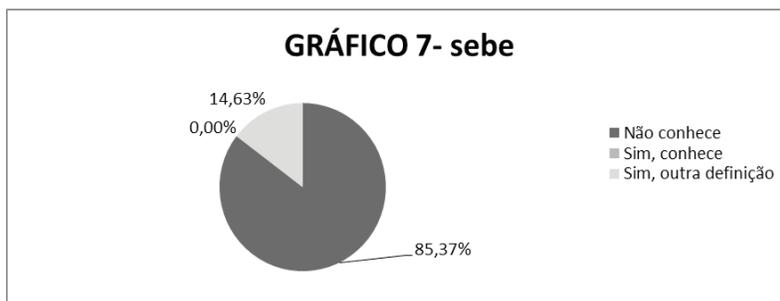


O termo “chavelha”, na acepção identificada por um número substancial dos inquiridos, poderá ser considerado como um regionalismo madeirense (embora não seja aqui o âmbito deste estudo), havendo quem, no arquipélago, o grafe “xavelha” (o que também acontece a nível musical com o termo “charamba”/ “xaramba”). Poucos inquiridos – apenas 2,44% – o conhecem na acepção referida pelos idosos e corroborada nos dicionários.

“sebe”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Tapume de vimes ou varas delgadas com que se cerca o tabuleiro dos carros de bois para amparar a carga/ parede de taipa.

RESPOSTAS: Vedação (3x)/ É um lugar, ex. A sebe de futebol [Confusão com “sede”?]/ Definição de um muro com uma planta que o cobre por completo/ “vedação” natural que pode ser feita por arbustos geralmente usada como corta vento e para delimitar os terrenos/ Vedação; serve para dividir terreno/ Arbustos delimitantes num terreno/ Protecção para as culturas, normalmente com verga/ Um terreno/ Relacionado com os cavalos/ Estrutura vegetal para delinear uma área; ex.: Apara-me a sebe que está muito alta!/ Usado para separar jardins ou áreas agrícolas, feito de plantas, madeira ou outros materiais/ Arbusto pequeno./ Espécie de divisão que separa os terrenos/ Delimita os limites do terreno (sic)/ Delimita o terreno/ X.

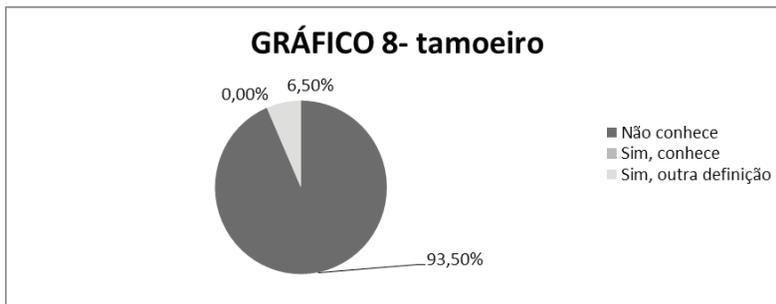


Nenhum dos inquiridos revela conhecer o termo “sebe” relacionado com o carro de bois. Quem diz saber o que é associa-o a “vedação”, não do carro, mas de um terreno. Esta será uma acepção usual na actualidade.

“tamoeiro”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: A haste do carro de bois/ peça de coiro na parte superior do jugo, na qual se prende o cabeçalho do carro/ no carro de bois, peça de madeira colocada entre os animais/ peça de couro que prende a canga ao carro de bois, ao arado etc.; apeiro.

RESPOSTAS: Objeto utilizado para transportar água/ É o que se usa para moer algo/ Planta (3x)/ Objecto relacionado com o vinho/ Local onde são pousadas as batatas/ X.



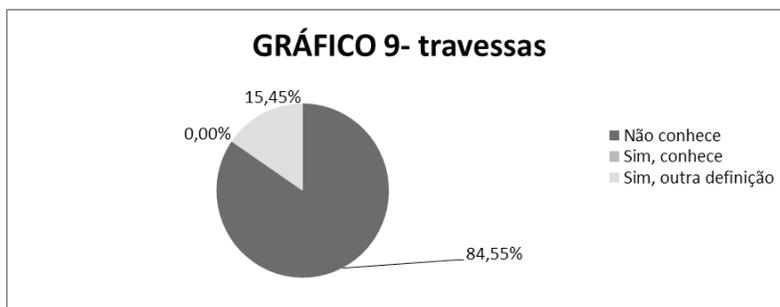
Nenhum dos inquiridos conhece, efectivamente, o termo “tamoeiro” no sentido mencionado pelos idosos e registrado nos dicionários. Mais de 90% reconhece não saber o que significa aquele vocábulo e 6,50%, que o definem, não indicam a acepção aqui pretendida.

“travessas”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Cada uma das peças que ligam entre si as chedas e a cabeçalha do carro de bois, atravessando este/ peça de madeira disposta transversalmente sobre tábuas; través.

RESPOSTAS: Ruas/ Rua ou beco/ Rua/ Bandejas; tabuleiros; ex. Traz aí essas travessas para pôr o comer/ Rua ou prato estreito, ex. Quero meter o picado³ em uma travessa / É considerado como ruas ou serve para usar para guardar comida, ex. Um (sic) travessa com fruta/ Travessas de loiça/ Objecto de pôr na cabeça, objecto de levar comida à mesa/ Caminhos/ Para pôr comer, pôr no cabelo, nome de sítio, etc./ Becos, travessas, pequenos arruamentos, ex. Travessa dos moinhos/ Paus que seguram as bananeiras, tomateiros, etc./ Objeto utilizado para fixar algo/ “Ruazinhas / becos” ou um prato comprido onde se serve comida/ Uma pessoa que faz muitas partidas; alguém com ideias diferentes e com intenção de fazer algo contra alguém/ Os regos para passar a água/ Travessas para os tomateiros/ Espaço onde passa a água/ X.

3 “Picado”: prato confeccionado com pedacinhos de carne, servido com molho e batatas fritas num recipiente de onde todas as pessoas picam com os respectivos garfos para comer (Gastronomia Tradicional da Madeira e do Porto Santo (2013). Serviço de Publicações (Coord.) SRCTT e DRAC, Funchal.)



Uma larga maioria dos inquiridos (84,55%) desconhece o termo “travessas”, normalmente usado no plural na aceção em estudo. Dos que dizem conhecê-lo (15,45%), nenhum o associa ao carro de bois. Foram apresentadas outras aceções actuais do termo, mas não a esperada. Portanto, o uso técnico referido pelos idosos (que também conhecem o termo nas aceções indicadas pelos inquiridos porque foram questionados neste sentido) não foi mencionado por nenhum dos universitários.

Assim, e sintetizando os dados até este momento, a generalidade dos termos ligados ao arado e ao carro de bois revelam ser desconhecidos pelos jovens universitários inquiridos, como se verifica pelos gráficos apresentados (cf. do GRÁFICO 1 ao GRÁFICO 9). Esperar-se-ia que vocábulos como “jugo”, “canga” ou “arado”, elementos da cultura geral de qualquer cidadão jovem ou adulto, fizessem parte dos conhecimentos de todos os estudantes de 1º Ciclo, mas tal não aconteceu para a maioria, já que apenas alguns, pouquíssimos, responderam que conheciam os termos nas aceções esperadas. Como se verificará, com o léxico relativo ao linho, a situação é basicamente idêntica.

3.2.3 O linho.

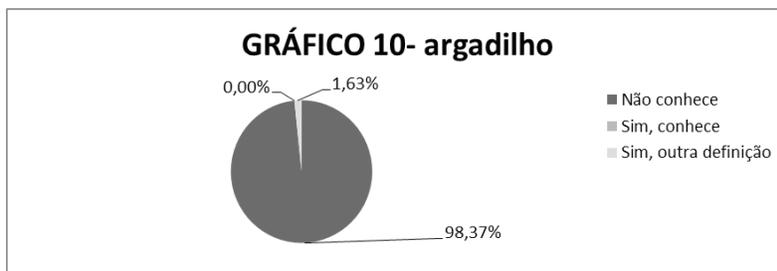
O processo do cultivo do linho foi descrito pelos idosos como muito longo, trabalhoso e pouco compensador, o que explicará o facto de já ninguém (ou quase) se dedicar ao seu cultivo em Portugal. Para a ilha da Madeira, acontece o mesmo porque já não é semeado em largas quantidades. Existe uma descrição de Kate Brúdt (1938, pp. 329-340) para todo o processo no Arquipélago da Madeira. É de realçar que o bordado madeirense típico era feito em toalhas de linho. Recentemente, na costa norte, mais precisamente em Santana, encontrou-se, numa zona turística, uma pequena plantação para dar a conhecer a planta aos turistas. Por vezes, nas feiras e exposições tradicionais, promoções turísticas, ainda se vêem mulheres a fiar ou a tecer. Como o vocabulário ligado a esta área

de actividade é muito rico e impressionantemente extenso, seleccionaram-se para este trabalho apenas alguns termos, escolhidos sem critérios precisos.

“argadilho”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Sinónimo de dobadoiro (**dobadoiro/ dobadoiro/ dobadoira:** artefacto em que se dispõem as meadas de linho, lã, algodão, etc. para se processar a dobagem).

RESPOSTAS: Venda de produtos artesanais/ Fabricação e venda de produtos artesanais.



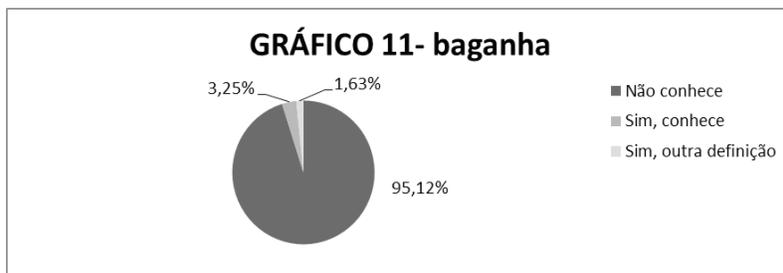
A quase totalidade dos inquiridos revela desconhecer o termo (98,37%). As raras respostas obtidas (1,63%) não relacionam “argadilho” com um instrumento usado para dobar o linho. Portanto, é possível dizer que a totalidade dos universitários ignora a acepção usada pelos idosos e dicionarizada como sinónima de “dobadoira” com as variantes “dobadoiro” e “dobadoiro”.

“baganha”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: (De bago) cápsula da semente do linho/ película que envolve a semente do linho e da uva, entre outras.

RESPOSTAS: Coisa pequena, ex.: sementes⁴ pequenas/ Película que envolve a semente/ Serve para cobrir as sementes/ Película que envolve a semente de algumas plantas/ Película que envolve a semente do linho e de outras plantas/ Instrumento.

⁴ Este regionalismo madeirense equivale a “batata”, no nível comum da variedade normativa.

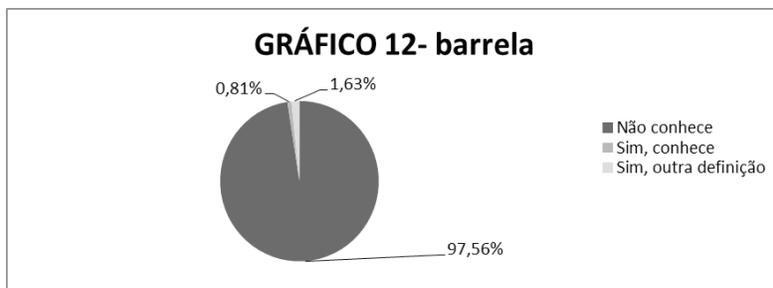


O termo “baganha” é conhecido por alguns universitários na acepção usada pelos idosos (3,25%), o que é de realçar, embora a maioria o desconheça (95,12%) e alguns dos inquiridos tenham apresentado definições diversas das esperadas (1,63%).

“barrela”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Dissolução alcalina, que serve para branquear o linho e, no geral, a roupa; é a lixívia das lavadeiras/ caldo coado de cinzas vegetais ou de soda, usado para clarear.

RESPOSTAS: Espécie de caldo obtido da cinza da queima de algumas espécies/ Segundo o que costumo ouvir, significa “camada” de algo/ Pequeno terreno de cultivo.

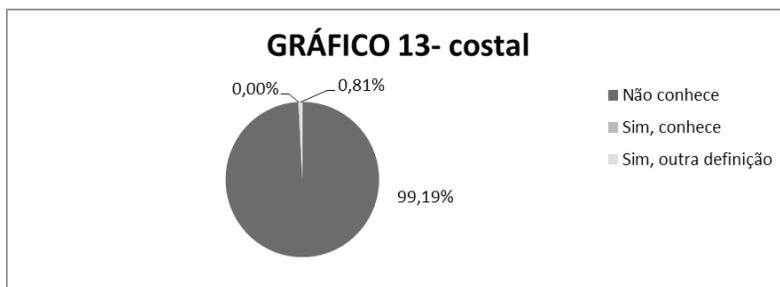


Recorrentemente, na linguagem comum, associa-se a “barrela” ao lavar (branquear) roupa através de um método que recorre à cinza. Esperava-se, por isso, que este termo relacionado com a “lavagem” do linho fosse reconhecido por bastantes universitários. Tal não aconteceu, já que 97,56% disseram não o conhecer. Contudo, houve quem respondesse tratar-se de algo formado a partir da cinza, considerando-se válida a resposta relativamente ao conhecimento, embora esteja incompleta.

“costal”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: conjunto de fios que atam a meada, para evitar que emaranhe.

RESPOSTAS: Algo perto de uma costa, ex: Funchal é uma zona costal [Confusão com “costeira”?].

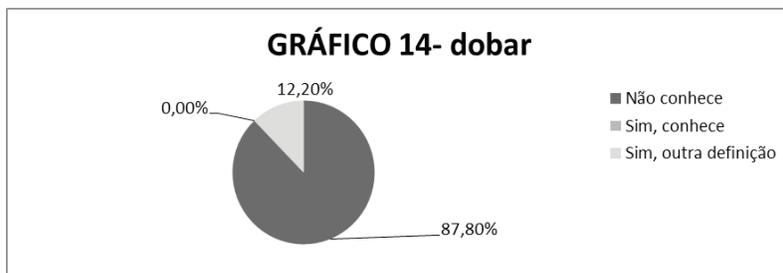


Sem contabilizar a resposta que parece confundir “costal” com “costeira”, verifica-se que todos os inquiridos desconhecem o termo, havendo uma clara maioria (99,19%) que reconhece a sua ignorância quanto a este termo.

“dobar”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Enrolar em novelos o fio da meada com dobadura ou sem ela; enovelar/ enrolar (fio de meada de linho, lã, algodão etc.), formando novelo; enovelar.

RESPOSTAS: Tornar algo mais pequeno: folha de papel, roupa, vestuário, etc. (Confusão com “dobrar”?)/ Relacionado com cavar; regar as plantas/ Deitar adobo (sic) nas plantas, terra, plantações/ Dobar a terra; deitar adubos; ex.: a deitar adubo na plantação de batatas/ Deve ter a ver com adubar a terra/ Acto de descascar; ex.: A Sofia gosta de dobar o feijão./ Líquido que se deita nas plantas/ Deitar adubo na plantação/ Duplicar algo/ Deitar adubo na terra para fertilizá-la (sic)/ Cobrir o terreno com fertilizante com o intuito de fazer crescer a plantação/ Colocar / deitar adubos nas terras (2x) / X (2x).



Dizem não conhecer o termo “dobar” 87,80% dos inquiridos, o que é considerável. Afirmam conhecê-lo 12,20%, mas, na prática, uma parte substancial confunde-o com “adubar”. Isto acontecerá por razões fonéticas, devido à aférese (“adubar” > “dubar”) e à proximidade de “dubar” com “dobar”. Portanto, é possível constatar que os inquiridos não conhecem o termo na acepção em que os idosos a empregaram e que está dicionarizada.

Pela proximidade semântica entre “estopa” e “estopada”, decidiu-se apresentar estes dois termos um a seguir ao outro, juntando-os para observar melhor os resultados conseguidos por um e pelo outro.

“estopa”

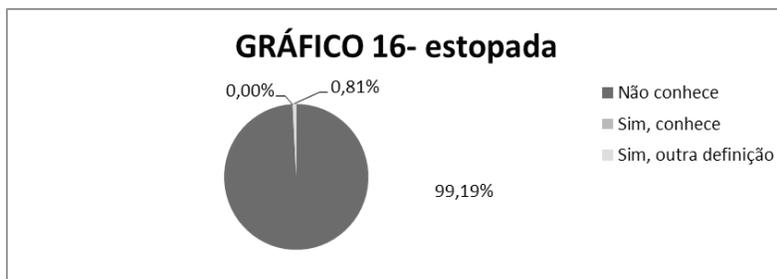
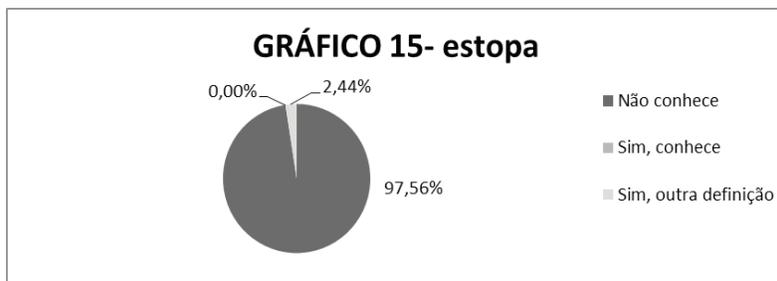
IDOSOS e DICIONÁRIOS: Parte grossa do linho que fica quando o assebam/ A parte mais grosseira do linho, que é separada deste com a ajuda de um sedeiro.

RESPOSTAS: Termo usado para dizer que a terra está mole, fácil de lavar; ex.: a terra é estopa/ Usa-se para pôr nos tornos das pipas; é um tipo de “palha”/ X.

“estopada”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: porção de estopa, estopa de chumaçar/ porção de estopa para fiar, enchumaçar, acolchoar, etc..

RESPOSTAS: Trabalho difícil.



Pelas respostas dadas, os inquiridos não conhecem, efectivamente, os termos “estopa” e “estopada”, nem os relacionam com “tecido”. Este facto estranha-se mais para o primeiro do que para o segundo, já que aquele é frequente na linguagem corrente, usando-se para designar um género de tecido.

Pela sua proximidade semântica e lexical, juntaram-se “estriga” e “estrigar”. Os resultados são semelhantes aos de “estopa” e “estopada”.

(uma) “estriga”

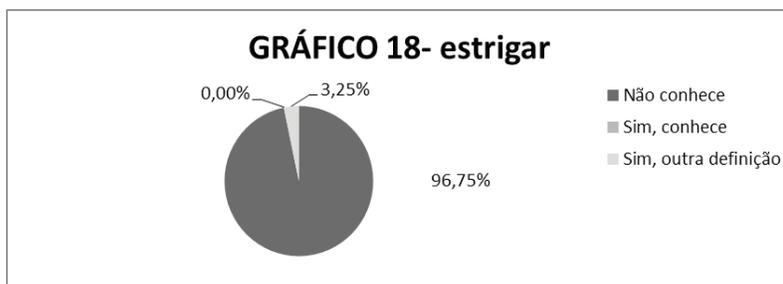
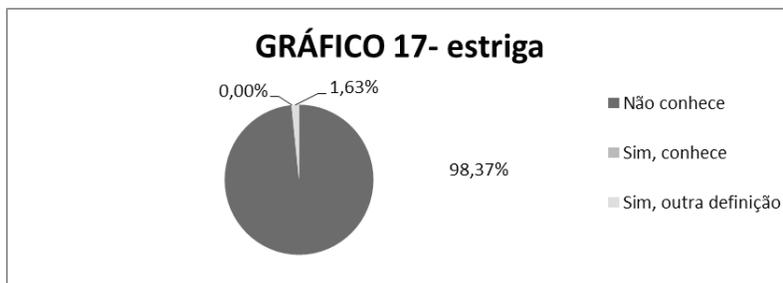
IDOSOS e DICIONÁRIOS: Porção de linho que se põe de cada vez na roca/ meada de linho atado que se põe de cada vez na roca para fiar.

RESPOSTAS: Uma discussão, ex. Ter uma estriga com um colega/ X.

“estrigar”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Dividir o linho e atá-lo em estrigas; enastrar; assedar/ separar e unir em estrigas (o linho)/ enastrar, entrelaçar (fios) de estriga.

RESPOSTAS: Discutir/ Ato de retirar palha ao trigo/ Está relacionado com o trigo./ Triturar o trigo; ceifar.



Nenhum dos inquiridos revelou conhecer as acepções dos termos “estriga” e “estrigar” aqui em análise. Os resultados são categóricos quanto ao desconhecimento dos universitários.

Embora os significantes não tenham uma origem comum, associaram-se “fazer novelos” e “meada” pela proximidade de ambos no processo do linho. São termos correntes da linguagem comum, empregando-se para diferentes tipos de fio, incluindo o linho.

“fazer novelos”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Rolo que se forma com o fio dobrado/ amontoado de fios têxteis enovelados, enrolados, nomeadamente para o linho.

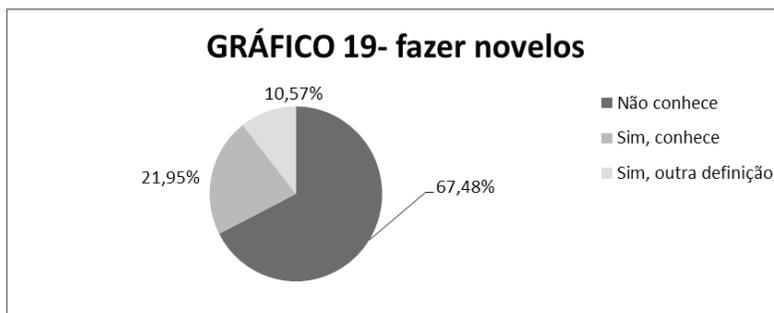
RESPOSTAS: Lã (4x)/ Novelos de lã/ Conjunto de linhas/ Pesar em lã e enrolar até formar os novelos/ Trabalho que consiste em colocar os fios de linho ou lã de uma forma mais acessível de usar; normalmente em forma de esfera/ Fazer nó/ Enrolar lã ou linho/ Fazer bolas de linha quer de fio comprado em lojas, quer com folhas secas de bananeira/ Feitas através de lã/ Fazer “bolas” em tecido (lã)/ Conjunto de linhas/ Enrolar alguém, com mentiras; não ser directo, nem explícito num assunto/ Usar a lã/ Relacionado com lã/ Já ouvi chamar novelos aos fardos de palha; agora não sei se se refere a isso/ Determinação (sic) de um

conjunto de linhas que, no seu todo, emaranhadas, forma o chamado novelo/ Novelos de lã/ Fio que provém do linho, que se enrola para fazer roupas; ex.: novelo de lã ou linho/ Processo de enrolar os fios de linho entre os braços de uma pessoa; ex.: Depois de fiado, começou-se o processo de “fazer novelos”/ Emaranhado, de forma circular, feito com fios/ Montes de palha (3x)/ Acto de enrolar na forma de novelo/ Enrolar a linha formando novelos/ Enrolar lã/ Enrolar determinadas coisas/ É uma técnica utilizada para plantar certo tipo de leguminosas, como a batata./ Fazer bolas de lã ou com outro material/ Fazer uma espécie de rolos de lã/ Fazer um novelo de palha de milho/ Juntar em forma de bola ou oval, algo que esteja em fio ou linha/ São bolas de lã ou linho./ A lã das ovelhas desfiada e enrolada, formando novelos/ X (4x).

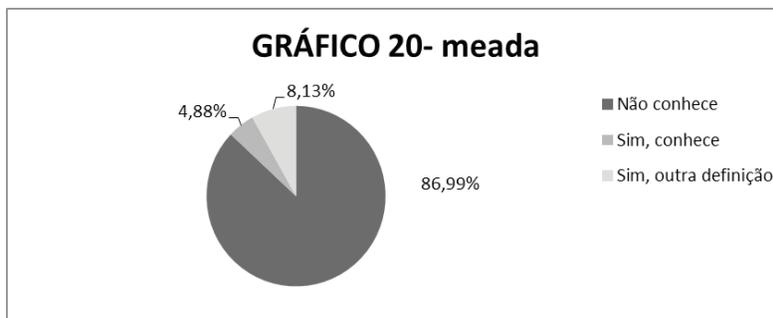
“meada”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Porção dobrada de fio, de seda, de linho, etc./ quantidade de fio de linha, seda, lã etc. dobrada (‘enovelada’) frouxamente inúmeras vezes e amarrada de maneira a não se emaranhar.

RESPOSTAS: Lã/ Uma porção/ Meada de linhas/ Termo para vários conceitos/ Pedaço de lã/ Uma certa quantidade de lã, novelo/ Meada de lã; novelo/ O mesmo que “novelos”; bola feita com fios enrolados/ Meada de arame; É um fio de arame junto, no seu total/ Pode ser um jogo, ex. jogo da meada⁵/ Jogo das pedrinhas/ Um jogo com moedas entre duas pessoas ou mais / Alguma coisa ou parte, apenas, de alguma coisa/ Um conjunto de alimentos agrícolas amontoados/ X (2x).



5 A “milhada” (termo grafado por este informante como “meada”) é a designação de um jogo conhecido em Portugal Continental como “o jogo das pedrinhas”. Na Região Autónoma da Madeira, recebe o nome de “milhada” porque se joga com “milhos”, isto é, três grãos de milho. Estes podem ser substituídos por feijões, pedras, entre outros elementos, incluindo os próprios dedos. Ver, por exemplo, REBELO (2013).



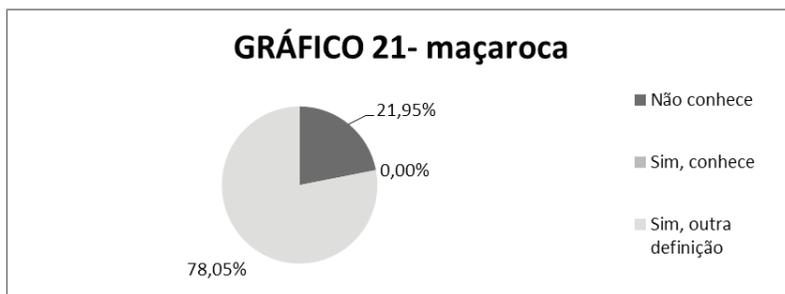
É surpreendente que a maioria dos universitários revele desconhecer “fazer novelos” e “meada”. Comparando as respostas para ambos os termos, há mais a dizerem conhecer “fazer novelos” do que “meada” porque 67,48% desconhecem o primeiro e 86,99% o segundo. Alguns inquiridos aplicaram “fazer novelos” e “meada” à lã e considerou-se a resposta válida porque o processo é idêntico ao linho, mudando apenas o tipo de fio.

“maçaroca”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Fio que o fuso enrolou em volta de si; o que se fiou/ fio torcido e enrolado no fuso.

RESPOSTAS: Alimento (17x)/ Milho doce (4x)/ Milho (18x); ex.: Vou comer uma maçaroca./ Alimento de milho/ Alimento que se integra na categoria dos cereais/ É um alimento, ex. maçaroca do milho/ Alimento da terra/ Vegetal que se reproduz através do milho/ De onde vem o milho/ Definição de um fruto da terra/ Vegetal, reproduz-se através do milho/ Onde está o milho (conjunto dos vários grãos de milho)/ Outro nome para o milho/ Milho – maçaroca, milho em grão/ Milho doce ou não/ Igual a milho – regionalismo/ Proveniente do milho; fruto do milho/ Produto comestível; milho/ Vegetal da planta de milho; ex.: maçaroca (milheiro)/ Espiga de milho (5x); ex: Ele gosta de maçaroca. / Ele comeu a última maçaroca./ “fruto” do milho/ É um fruto que provém do milho/ Um legume amarelo, típico da Madeira/ Comida/ Alimento que se pode associar ao milho e à farinha/ Produto que provém da terra, denominado por maçaroca de milho/ Estrutura natural onde se agrupam os grãos de milho; ex.: Maçaroca assada é muito bom!/ Cultivada no campo; é uma espiga de milho/ Legume (3x)/ Legume destinado ao consumo/ É algo composto por milho./ Milho – cereal (3x)/ Fruto do milho (É nesta [sic] que se obtém o alimento para moer.)/ Legume de onde provém o milho/ Vegetal que dá o milho doce/ Verdura que provém da terra/ Fruto ou legume que nasce dos milheiros/ Onde

extraímos (sic) o milho doce/ Produto agrícola/ Produto alimentar; nasce da maçaroca (sic), dando “milho”/ Produto agrícola composto por milho doce/ Comestível/ Fruto do milho/ Ex.: Comer maçarocas/ Vegetal que produz o milho/ É um vegetal – milho. (2x)/ Vegetal de onde provém o milho em grão/ Alimento, nomeadamente o milho/ Instrumento/_X (4x)/.



Contrariamente aos restantes termos deste *corpus*, “maçaroca” é indicado como conhecido por 78, 05% dos inquiridos, uma vasta maioria. Porém, a acepção indicada não tem nada a ver com o linho. Para os universitários, na maioria madeirenses, o sentido de “maçaroca” está relacionado com o milho, que é, como o linho, um produto agrícola. Não se previu que tal confusão pudesse ocorrer, aquando da concepção do inquérito. É indispensável considerar que o milho é um ingrediente importante da alimentação, sobretudo madeirense. Assume, neste caso uma relevância que não terá na culinária portuguesa em geral com contornos regionais, que não se pretendiam questionar neste trabalho. No arquipélago, o milho aparece em múltiplos preparados, sendo os principais as “papas de milho”, simplesmente “milho”, “milho frito” (cubos da papa de milho fria que se douram na frigideira para acompanhar pratos de peixe ou de carne) e “maçaroca” (cozida e comida assim, sozinha, ou na sopa). Portanto, nenhum dos inquiridos, nem os não madeirenses, conhece a acepção referida pelos idosos.

Associaram-se, sequencialmente, “fuso” e “roca” por estarem relacionados. Reencontram-se estes termos, com frequência, nos contos populares e em especial nos destinados a crianças, onde as princesas têm um papel determinante, fiando na maior parte das vezes. Estes dois termos integram a linguagem corrente devido às tradições, ao património colectivo, presente, por exemplo, nos provérbios como “Cada roca tem seu fuso e cada terra tem seu uso.”. Pressupunha-se que fossem ambos conhecidos dos estudantes universitários porque são termos do âmbito da cultura geral.

“fuso”

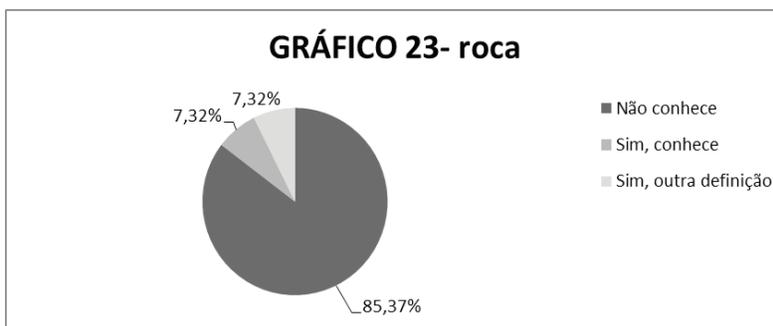
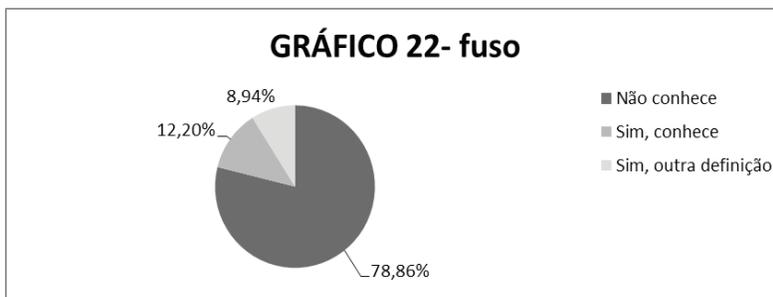
IDOSOS e DICIONÁRIOS: Pequeno instrumento roliço ou mais grosso no meio e que vai adelgaçando, sobre o qual se forma a maçaroca ao fiar/ pequeno instrumento de madeira, arredondado, mais grosso no centro e pontiagudo nas extremidades, usado para fiar, torcer e enrolar o fio de trabalhos feitos na roca.

RESPOSTAS: Máquina de fiar/ Aquele ou aquela que não tem muitos rendimentos económicos/ É fazer um “plano”, ex. Cumprir o fuso horário./ Fuso horário (2x)/ Roca, instrumento para tecer (alguns séculos atrás)/ Agulha de uma máquina de fiar/ Instrumento para desfilar lã (linho)/ Associado à máquina de tear; ponta aguçada?/ Material usado nas vindimas; ex.: ferro que ajuda a fazer o vinho/ Um homem ou uma mulher muito magro(a), muito elegante, fora do normal/ Máquina para transformar a lã/ Relacionado com lã (2x)/ Para trabalhar o linho/ Objecto afunilado, alongado e rodopiante onde, através de um movimento induzido, se enrolam os vários fios de linho num mais grosso; ex.: Pega no fuso para enrolar o linho./ Objecto em forma de rosca, usado nos lagares e na produção de vinho/ Agulha da máquina de tecer a lã/ Pico da roca/ Pau que faz parte do lagar/ Baixa mar – o fuso para espremer o vinho [sic]/ Usado para fazer fio de linho/ Onde se fazia a farinha (era esmagada)/ Objecto que integra a máquina de fiar/ X (2x).

“roca”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: Vara de madeira ou de cana com que se enrola a estriga ou rama do linho/ pequeno bastão com um bojo na extremidade, no qual se enrola o algodão, a lã ou o linho a ser fiado.

RESPOSTAS: Máquina de fiar/ É um instrumento/ Brinquedo para bebés / para fiar tecido/ Máquina de cozer [sic]/ Instrumento de tear/ Associado à máquina de tear; parte rotativa?/ Para fiar o linho/ Objecto pontiagudo para fiar/ Instrumento agrícola usado no carro dos bois/ Instrumento utilizado para trabalhar a lã/ Instrumento utilizado para moer o milho/ Um aparelho que serve para fiar linho/ Máquina de fiar/ Utilizado para moer o trigo/ X (4x).



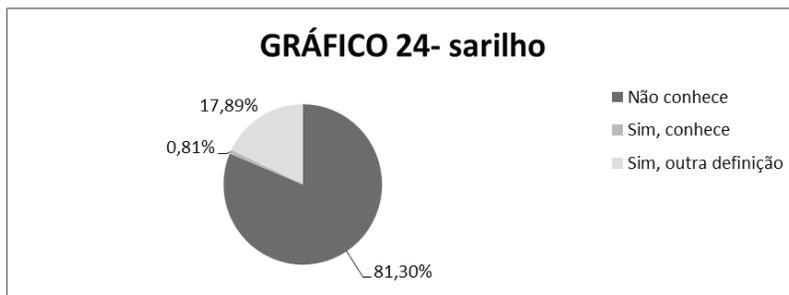
Embora uma larga maioria diga desconhecer os termos “fuso” (78,86%) e “roca” (85,37%), uma parte dos inquiridos indicou saber, efectivamente, ambos nas acepções aqui pretendidas. O termo “fuso” (12,20%) é mais conhecido do que “roca” (7,32%).

“sarilho”

IDOSOS e DICIONÁRIOS: espécie de dobadoura em que se enrolam os fios das maçarocas para fazer meadas/ espécie de dobadoura na qual se enrolam os fios das maçarocas para fazer meadas

RESPOSTAS: Uma confusão, desentendimento, problema; ex. Isto é que é um sarilho/ Confusão, intriga, ex. Não te metas em sarilho com a tua profesora./ Pode ser considerado como “problema”, ex. Se meter em algo que não é correto/ Sarilho com um amigo/ [Quando] alguém se põe em apuros/ Problema (3x); ex.: Isto é mesmo um sarilho!/ Confusão/ Briga, conflito, fazer asneira, ex. Estou metido num sarilho/ Expressão (sic) que quer dizer o mesmo que “Vais apanhar uma malha.”, “Vou-te bater.”, “Vais levar no sarilho”/ Problema / arranjar confusão/ Conflito entre pessoas, um problema por resolver; alguém que comete ou traz problemas é um sarilho/ Arranjar um problema/ Sinónimo

de problema; ex.: Estás metido num grande sarilho / Alguma intriga entre um indivíduo e outro/ Confusão (2x)/ Algum problema/ Alhada/ Uma briga, confusão/ / Objecto relacionado com a tecelagem/ Nome de uma planta, erva; ex.: nos campos.



Com este último termo do *corpus* listado, comprova-se que os estudantes universitários inquiridos desconhecem grande parte dos termos apresentados no inquérito, sobretudo os ligados ao linho. Quanto a “sarilho”, 81,30% revelaram desconhecê-lo. Houve, contudo, quem indicasse conhecer o termo na acepção pretendida (0,81%).

Conclusão.

Dos 30 vocábulos do *corpus*, poucos foram os indicados como conhecidos pelos universitários. Este fenómeno de “esquecimento” ou “apagamento” lexical generalizado das novas gerações, mesmo das mais formadas, corrobora a tese do maior conhecimento linguístico em áreas específicas do saber por parte de idosos analfabetos do que de estudantes universitários. Com a sistematização dos resultados dos 123 inquéritos, a demonstração (cf. listagem) comprovou a tese apresentada. Os termos “cheda”, “chedeiro”, “estadulho”, “rabela”, “relha” e “soga”, já “desapareceram” do conhecimento dos estudantes universitários por não terem tido qualquer resposta, contrariamente aos restantes 24. Para estes, há uma maioria de inquiridos que revela desconhecimento. Porém, uma parte substancial da minoria que indica conhecer os termos apresenta, nas suas definições, outros sentidos que não os esperados e facultados pelos idosos. Deste modo a perda do Património Linguístico é relativa porque o que se perde não é o lexema em si, mas uma das suas acepções que, todavia, está registada nos dicionários consultados (o Houaiss e o de José Pedro Machado). Muitas respostas afirmativas apontaram acepções diversas das pretendidas e apenas uma minoria

dos universitários demonstrou um conhecimento lexical real comparativamente aos idosos. Consequentemente, no seu todo, os resultados confirmam a extinção do património linguístico agrícola que deveria ser preservado, mesmo se uma parte dos 30 vocábulos não desapareceu completamente. É mantida viva porque usada com outras acepções. Para compreender este fenómeno, basta ver a multiplicidade de respostas obtidas, por exemplo, para “travessas”.

Posto isto, é incontestável que os conhecimentos técnicos e linguísticos dos idosos que dedicaram a sua vida à agricultura e que não foram escolarizados constituem um vasto património linguístico que se apagará progressivamente, se não for conservado. O papel dos antigos agricultores para a transmissão deste saber cultural e linguístico é, então, de extrema importância. Aos linguistas, caber-lhes-á constituir uns *corpora* para a sua preservação. Labores sobre a língua falada, sobretudo ao nível do léxico, poderão ajudar a manter viva a memória linguística da comunidade. Trata-se de um património linguístico precioso que é indispensável compilar. Tornam-se primordiais os levantamentos lexicais, ultrapassando os simples registos em entradas dicionarizadas. O trabalho a fazer é mais do que o que está associado a um dicionário. Os atlas linguísticos (cf., por exemplo, o ALEMPS – o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo*) vão procurando colmatar estas perdas, mas não podem ser os únicos meios de preservação deste léxico. Os museus também jogam um papel preponderante neste aspecto da preservação lexical, embora se concentrem mais nas tradições. Fazem, por isso, todo o sentido museus dedicados à Língua Portuguesa.

Portanto, parece fundamental o papel dos linguistas para: valorizar os conhecimentos dos idosos analfabetos porque dominam toda uma terminologia ignorada por quem estudou; preservar (ensinar, usar) estes termos, nas suas acepções técnicas, porque fazem parte do nosso Património Linguístico; evitar a completa extinção destes termos, embora estejam dicionarizados; impedir o desaparecimento das tradições (apesar de não se defender um regresso ao passado a nível tecnológico) porque com elas se extingue um número muito elevado de vocabulário, ou de acepções, dando-se um empobrecimento linguístico considerável; fazer recolhas a fim de preservar o vocabulário e realizar estudos como este no âmbito do Património Linguístico, uma área de investigação linguística de muito interesse para as comunidades de falantes, nomeadamente as de Língua Portuguesa.

Referências bibliográficas.

- BRÜDT, Kate *Madeira. Estudo Linguístico-Etnográfico*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, 1938.
- Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão 1.0) Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, 2001.
- MACHADO, José Pedro *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.
- REBELO, Helena “Património Linguístico Madeirense. Alguns Aspectos Lexicais, Fonéticos, Morfológicos e Sintáticos”, comunicação apresentada no *Congresso Internacional La Lengua Portuguesa*, organizado pela Universidade de Salamanca de 27 a 31 de Maio de 2013 e a aguardar publicação.
- REBELO, Helena e NUNES, Naidea. “Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo. Da Criação de Gado à Fauna e Flora Marinhas”, *Revista Islenha. Temas Culturais das Sociedades Insulares Atlânticas*, nº 44, Janeiro-Junho, Funchal, DRAC, 2009, 5-24.
- SERVIÇO de Publicações (coord.). *Gastronomia Tradicional da Madeira e do Porto Santo*, Funchal: 2013.
- UNESCO, *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Paris: ONU, 23-11-1972.
- UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, Paris: ONU, 17-10-2003.